

Trauma e Construção do Imaginário

Laura Ward da Rosa

Médica; Psicanalista; Membro
Associado da Sociedade
Brasileira de Psicanálise de
Porto Alegre.

Introdução

O encontro com o Outro representa para o ser humano, que nasce imaturo, bem mais do que a aquisição de alimento e garantia de sobrevivência. Através da interação entre esses dois seres, constrói-se também a vida imaginativa e a capacidade simbólica, que ultrapassa a realidade material e possibilita a ascensão à realidade psíquica, condição indispensável para a sua maturação. Segundo as condições em que esse encontro se dá, resultará maior ou menor vivência de trauma, descrito como um excesso de excitações para as quais o aparelho psíquico ainda não se encontra preparado. A condição de imaturidade do bebê humano, nascendo num

momento anterior à capacidade de entender o significado das sensações captadas pelo sistema perceptivo, favorece a vivência traumática por parte do *infans*. Nesse sentido, podemos deduzir que a experiência do trauma é inerente ao desenvolvimento, sendo ele, na dimensão temporal, sempre precoce, e na dimensão econômica, sempre excessivo. Por outro lado, Freud descreveu o trauma como um desdobramento em dois tempos: só num segundo tempo, no *a posteriori* (*nachträglichkeit*), é que a primeira cena, que originara as primeiras inscrições no inconsciente, ganha o seu caráter patogênico. Daí a afirmação de Freud de que os histéricos sofrem de reminiscências.

Breve Histórico do Conceito de Trauma em Freud

Falar de trauma em psicanálise significa reportar-se às origens, lá mesmo quando Freud ouvira o relato de Breuer do caso Anna O. (atendida por este entre 1880 e 1882) e quando viajara a Paris para estudar com Charcot, na Salpêtrière, no ano de 1885. O mestre francês, que grande impressão causara em Freud, já descrevera um caso de paciente do sexo masculino, portador do que chamou “histeria traumática”. Tratava-se da ocorrência de sintomas histéricos em paciente considerado antes não-neurótico, que passara a apresentar tais manifestações após sofrer um acidente ferroviário. Freud descobre que as manifestações clínicas coincidem com as das pacientes que observara, do sexo feminino, portadoras de histeria. Numa carta a Breuer, em 1892, nos esboços para a *Comunicação Preliminar*, Freud explicita como fatores indispensáveis para a histeria – a necessidade do *splitting*, o elemento constante de um retorno a um estado psíquico que o paciente já experimentara antes, portanto, a uma lembrança traumática –, acrescentando: “o grande trauma isolado pode ser substituído por uma série de traumas menores que se interrelacionam por sua semelhança ou pelo fato de fazerem parte de uma história penosa”. Na publicação conjunta dos *Estudos sobre a Histeria* (1893-1895), concluem que os sintomas histéricos resultam de traumas psíquicos em que um conflito reprimido se expressava por um afeto dissociado e convertido no corpo. Freud, dedicando-

se a uma escuta diferenciada, detecta que os traumas psíquicos referiam-se a experiências da infância e ligavam-se à vida sexual dos pacientes, vividas como cenas de sedução por parte de um adulto, principalmente do pai. Surge aqui a idéia do trauma correlacionado a um agente, a um outro significativo causador da experiência traumática. Na carta 52 a Fliess (1896), dedica-se a examinar a questão da memória, estabelecendo que os traços de memória, de tempos em tempos, sofrem retranscrições, rearranjos, construindo-se o aparelho psíquico por estratificação. Quanto mais as lembranças retornam, mais são inibidas na produção de prazer. Somente os eventos sexuais não sofrem diminuição e seguem se comportando como eventos atuais, devido às *magnitudes de excitações* que tendem a se incrementar após a puberdade. Afirma Freud:

Assim, um evento sexual ocorrido numa fase determinada atua sobre a fase seguinte como se fosse um evento atual e, por conseguinte, não é passível de inibição. O que determina a defesa patológica – a repressão –, portanto, é a natureza sexual do evento e sua ocorrência numa fase anterior.

Em agosto de 1897, na carta 67, Freud confessa-se atormentado por dúvidas quanto à sua teoria das neuroses e, já em setembro do mesmo ano, na carta 69, comunica a Fliess o seu grande segredo: “Não acredito mais em minha neurótica”, referindo-se ao abandono da teoria da sedução, e acrescenta seus motivos: conclusões de sua auto-análise, da impossibilidade de responsabilizar todos os pais, o seu inclusive, como perversos, o que levaria a perversão a ser mais freqüente do que a histeria, a ausência de êxito no tratamento das histéricas, a deserção de muitas pacientes e, finalmente, a descoberta da fantasia sexual relacionada aos pais e a verdade da realidade psíquica. Completava-se aqui, então, a trajetória do neurologista e iniciava a caminhada do psicanalista, enveredando pelos labirintos da verdade do inconsciente e da vida fantasmática, rompendo com o

paradigma da consciência e da racionalidade do pensamento psicológico e filosófico-científico do século XIX.

A idéia do trauma segue sendo objeto de estudo por Freud. Assim, em *Além do Princípio do Prazer* (1920), referindo-se às neuroses traumáticas, Freud estabelece como traumáticas as excitações provindas de fora que rompem a barreira, antes eficaz, contra estímulos, ao que chama de “escudo protetor”, salientando que o excesso de energia inunda o aparelho psíquico, pondo fora de ação o princípio do prazer. As manifestações de compulsão à repetição teriam um caráter pulsional, opondo-se ao princípio do prazer, e funcionariam à semelhança de forças “demoníacas”. Os traços de memória recalçados das experiências traumáticas da infância encontram-se em estado não-ligado, por isso funcionam segundo o processo primário. Justamente esse não-ligado, incapaz de obedecer ao processo secundário, é que determina a compulsão à repetição na transferência ao analista das experiências primárias da infância e que, por ser móvel, conjuga-se aos restos diurnos para formar as fantasias de desejo nos sonhos.

O Imaginário em Freud

O mundo imaginário em Freud tem por característica transitar tanto pelo sistema consciente como pelo inconsciente. Inicialmente, trabalhando com as histéricas, buscava a reprodução das cenas originárias de produção do trauma. Assim, no *Rascunho L.*, a Fliess, de maio de 1897, intitulado *Arquitetura da Histeria*, Freud escreve:

O objetivo consiste em chegar às cenas primárias, o que em alguns casos se consegue diretamente, porém em outros somente através de longos rodeios pela fantasia. As fantasias são, efetivamente, antepórticos erigidos para bloquear o acesso a essas recordações. Ao mesmo tempo, as fantasias servem à tendência de refinar as recordações, de sublimá-las. Estão construídas de coisas ouvidas e somente depois aplicadas, de maneira que combinam o vivenciado com o ouvido, o passado (da história dos pais e antecessores) com o presenciado pelo próprio sujeito.

Vemos aqui que Freud utiliza o termo fantasia (*phantasie*) como equivalente a sonhos diurnos ou devaneios conscientes, relacionados a cenas, episódios, lembranças, que a histérica criaria como característica da riqueza da sua imaginação. Já no capítulo 7 de *A Interpretação dos Sonhos*, porém, irá correlacionar mais claramente a fantasia no sentido tópico de nível inconsciente, considerando-a como expressão de um desejo que desencadearia todo o processo de formação do sonho. Segundo Laplanche e Pontalis (1994), Freud não explicita, mas utiliza o termo em diferentes níveis, consciente ou inconsciente, sendo que nos dá uma definição metapsicológica mais abrangente na seguinte afirmação:

Elas (as fantasias) são, por outro lado, altamente organizadas, não-contraditórias, aproveitam todas as vantagens do sistema Cs, e o nosso discernimento teria dificuldade para distingui-las das formações desse sistema; por outro lado, são inconscientes e incapazes de se tornarem conscientes. É a sua origem (inconsciente) que é decisiva para o seu destino.

O que é importante na fantasia é a presença do outro ou de outros como personagens em cenas que se repetem e que são relatadas pelo analisando com um roteiro de caráter enigmático, que necessita ser decifrado ao longo do tratamento. A realidade objetiva perde terreno frente às manifestações do desejo inconsciente, expressos pela fantasia. Todo o tratamento analítico passa, dessa forma, pela busca da fantasia subjacente às formações do inconsciente, como os sintomas, os sonhos, os atos falhos, os chistes, bem como pelo *acting-out* e comportamentos de repetição, sendo detectável pela fala em livre associação ou por atos do analisando e pela transferência, cenário de reedição das fantasias infantis relacionadas às figuras parentais. O sujeito está sempre presente, nessas cenas, como vítima ou espectador de um roteiro perverso, uma vez que o conteúdo recalçado está ligado à sexualidade infantil, havendo um caráter enigmático que mobiliza o paciente como algo que lhe é imposto de fora. Sabemos que a representação recalçada pode servir de pólo de atração para outras repre-

sentações insuportáveis, mantenedoras de um contra-investimento que mobiliza o desejo inconsciente em busca de satisfação. Enquanto o sintoma é o elemento que aparece de entrada na análise e é falado pelo analisando, a fantasia é algo a ser buscado pelo psicanalista, como obtendo o paciente, com ela, um prazer secreto que evita revelar. Freud mesmo, ao considerá-la um “sonho diurno”, admitia a fantasia como uma produção imaginária que proporcionava um certo grau de consolação, de prazer, ao contrário do sintoma, expressão do desprazer.

O Imaginário em M. Klein

A escola kleiniana caracteriza-se pela valorização da fantasia (*phantasy*) e do mundo intrapsíquico. Melanie Klein, em seu trabalho *Nosso Mundo Adulto e suas Raízes na Infância* (1963), citando Susan Isaacs, reafirma: “A fantasia é o corolário mental, a representação psíquica do instinto. Não há impulso, nem pressão ou resposta instintiva que não se experimentem como fantasia inconsciente”. Discordando de Freud, acrescenta:

As fantasias inconscientes não são o mesmo que devaneios (embora a eles estejam vinculadas), mas uma atividade da mente que ocorre em níveis inconscientes profundos e acompanha todo impulso experimentado pela criança.

Logo após o nascimento, na relação de objeto parcial com o seio, a criança já desenvolveria fantasias conectadas aos mecanismos introjetivos e projetivos, defendendo-se da ansiedade persecutória, sendo elas os fatores indispensáveis à constituição do mundo interno, como um reflexo do mundo externo.

O Imaginário em Lacan

Devemos a Jacques Lacan o uso da palavra “imaginário”, como substantivo, bem como a valorização do conceito que antes, por vezes, se confundia com o “ilusório”, algo fruto da imaginação ou fora da realidade.

Para Lacan, o imaginário é a base da constituição do EU (*moi*) no *Estádio do Espelho* e tem um poderoso efeito no psiquismo, a ponto de incluí-lo, a partir de 1953, no seu esquema triplo dos três registros: o real, o imaginário e o simbólico. O imaginário, longe de ser de importância menor em relação ao simbólico, é, pelo contrário, estruturado pela ordem simbólica. Lacan fala numa “matriz simbólica” em que o Eu se precipitaria antes da identificação com o outro. Em seu trabalho de 1949, *O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu*, Lacan nos dá uma magnífica descrição da construção imaginária através “do espetáculo cativante do bebê diante do espelho”, a partir dos seis meses de vida, ainda precisando ser sustentado por alguém. Diz-nos textualmente:

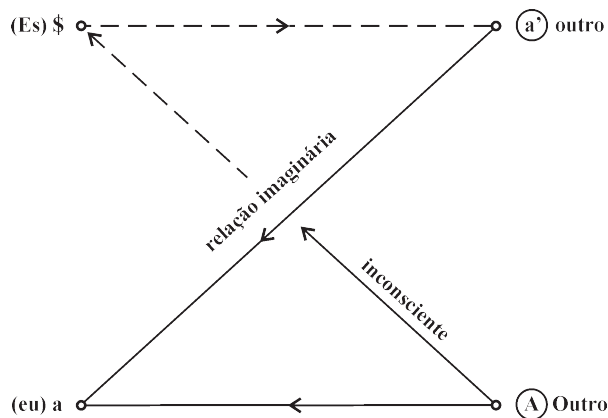
Basta compreender o estágio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem – cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria do antigo termo *imago*.

A função do estágio do espelho seria estabelecer uma relação do *Innenwelt* com o *Umwelt*, isto é, integrar o eu interior sob ameaça de fragmentação (*corps morcelé*) com o mundo externo, através da identificação com o outro especular, que proporciona a integração, uma espécie de prótese na progressiva construção da auto-imagem. Constatamos aqui uma identidade alienante presente nas relações imaginárias, característica dos processos narcísicos, em que o sujeito permanece alienado na imagem do outro especular, que na verdade é seu duplo, seu *alter ego*. Se, por um lado, a imagem de si é formada a partir da identificação com o outro que garante o reconhecimento do eu, ela está em permanente ameaça de fragmentação. Na clínica, constatamos a necessidade de muitos pacientes, capturados no eixo imaginário, de fazerem sintomas ou marcas no corpo como a busca de uma imagem que confirme a sua existência, devido a angústias determina-

das pela ameaça de fragmentação, marcas corporais essas que funcionam como defesas narcísicas frente à ameaça de desmantelamento do eu.

O esquema L estabelece bem a distinção entre a ordem imaginária e a ordem simbólica, correspondente à distinção entre o Eu (*Moi*) e o Sujeito (*Je*) do inconsciente. O esquema R introduz o campo das experiências da realidade entre os dois triângulos invertidos. Nele se representa a imagem do corpo, elemento ilusório e enganador, que vem a ser o fundamento essencial de referência do sujeito à realidade, razão pela qual o eu é originalmente paranóico. Também nesse campo se encontram as primeiras identificações e o ideal do eu.

Esquema L



Esquema R

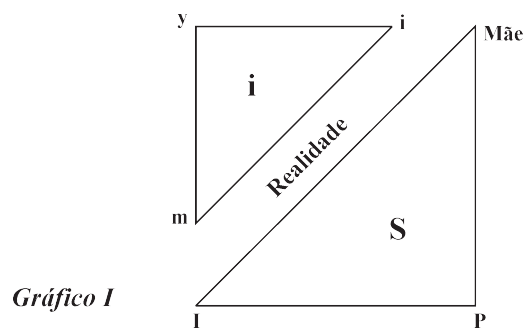
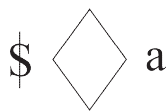


Gráfico I

Distinção entre Fantasia e Fantasma

Lacan critica o conceito freudiano e kleiniano de fantasia, considerando que ele funciona como uma “parada na imagem”, isto é, está restrito ao imaginário, como uma defesa contra o traumático da castração. Passa, então, a usar a palavra fantasma, derivada do grego, para designar a fantasia dentro de uma estrutura significante, isto é, simbólica. Concebe uma fórmula, a que chama matema, para o fantasma e o insere em sua representação gráfica do desejo, a que denomina grafo. O matema expressa, no grafo do desejo, a relação lógica de sujeição ao Outro, onde se formula a pergunta: “*Che vuoi?*” – Que queres? –, nunca respondida. O fantasma tem uma estrutura própria e se inscreve numa relação não-simétrica, numa sujeição originária no desejo do Outro. O sujeito barrado é dividido pelo significante que o constitui.



Lê-se: sujeito barrado (por efeito do significante) punção do objeto a.

Punção significa: todas as relações possíveis, menos a igualdade. Logo podemos entender que a fórmula expressa: sujeito do inconsciente em relação assimétrica com o objeto-causa do desejo.

O **Objeto pequeno a** é conceituado por Roudinesco e Plon, no *Dicionário de Psicanálise* (1998), como:

Termo introduzido por Jacques Lacan, em 1960, para designar o objeto desejado pelo sujeito e que se furta a ele a ponto de ser não-representável, ou de se tornar um ‘resto’ não simbolizável. Nessas condições, ele aparece apenas como uma ‘falha-a-ser’, ou então de forma fragmentada, através de quatro objetos parciais, desligados do corpo: seio, fezes, a voz e o olhar, objetos do próprio desejo.

Para Lacan, o objeto a, que considerava sua contribuição efetiva à psicanálise, define-se como simultaneamente real, simbólico e imaginário. Ele será real enquanto impossível de simbolizar – como um furo; será sim-

bólico, enquanto contingencial, passível de substituição – por exemplo, o carretel substituindo a mãe, no brinquedo do *fort-da*; será imaginário no plano do fantasma – por exemplo, o fetiche, na perversão, ou como representação recalçada e denegada (*verneinung*), na neurose (como afirmava Freud, a neurose como negativo da perversão). Lacan e Granoff, em *Fetichismo: o simbólico, o imaginário e o real* (1956) acentuam a importância da *verleugnung* ou renegação da idéia reprimida como mecanismo que lança o sujeito no campo do significado em detrimento do significante, obrigando-o a permanecer capturado na imagem e a dar realidade ao imaginário, criando o fetiche, em vez de imaginarizar o símbolo (falo). Somente podemos decifrar o imaginário se o traduzirmos em símbolos. Nesse sentido, o fetichista não o faz e, por isso, constrói um objeto fetiche que expressa, no real, o imaginário.

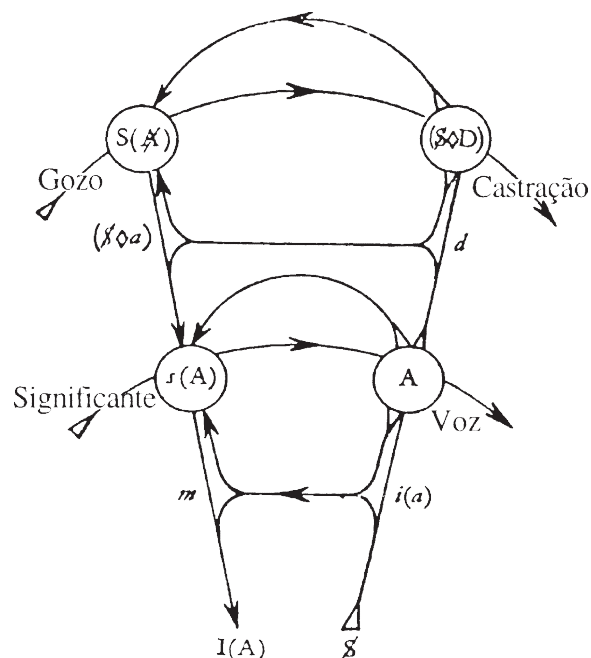
O fantasma não é, portanto, obra de alguém, mas o efeito, ao mesmo tempo, da ação do objeto *a* e do corte do significante. O motor do fantasma é, assim, o objeto pequeno *a*, causa do desejo, aquele resto não-simbolizável, furo na estrutura. A encenação fantasmática se organiza em torno desse furo que funciona como lugar do gozo. Afirma Lacan, no Seminário 11 (1985):

O sujeito é um aparelho. Esse aparelho é algo de lacunar e é na lacuna que o sujeito instaura a função de um certo objeto, enquanto objeto perdido. É o estatuto do objeto *a*, enquanto presente na pulsão. No fantasma, o sujeito é despercebido, mas ele está sempre lá, quer seja no sonho, no devaneio [...] O sujeito se situa a si mesmo como determinado pelo fantasma. O fantasma é a sustentação do desejo, não é o objeto que é a sustentação do desejo.

Aqui penso ser muito ilustrativo o exemplo de Freud em seu relato do Homem dos Ratos. O paciente relata o seu fantasma: “Toda a vez que desejo ver uma mulher nua, meu pai deverá morrer”. Detectamos todos os elementos essenciais da estrutura fantasmática: a pulsão escópica, o desejo, a mulher, o pai (e o pai morto) e, por certo, o sujeito. Para Freud, apresenta-

se um excepcional cenário edípico em Paul Lorenz, núcleo da neurose obsessiva. Então, o analisando conta uma de suas lembranças da infância, quando uma governanta, jovem e bonita, permitira a Paul enfiar-se por baixo de suas saias, com a condição de não contar para ninguém, permitindo que a tocasse nos genitais, onde o menino encontrou algo “curioso”. Desde então, o rapaz viveu atormentado pelo desejo de olhar corpos femininos nus. O significante “curioso” leva, então, Freud a identificar o curioso no relato: o paciente chamava a governanta pelo sobrenome masculino, o que não era habitual na burguesia de Viena, deduzindo, então, que isso se conectava à falta de pênis na mulher. Na transferência, o paciente passa a incluir Freud no seu fantasma perverso anal sádico, o da tortura com os ratos, colocando Freud no papel de torturador – numa ocasião o chama de “Capitão”. Freud trata de fugir desse lugar, recusando-se a desempenhar tal personagem. Na verdade, diz Lacan, o analista ocupa o lugar do objeto a e dele não se pode furtar.

Grafo do Desejo



Distinção entre Imaginário e Fantasma

Embora coincidentes, a ordem do imaginário e a ordem do fantasma não se superpõem. Enquanto que no fantasma há uma cena imaginária na qual o sujeito figura sob diversas formas, o registro do imaginário está marcado pela presença da imagem do *semelhante*. É em função dessa relação com a *imagem do outro* (mas que é semelhante) que o registro do imaginário implica *imagem e campo da ilusão*. Aqui encontramos uma aproximação com o que Winnicott postulou como fenômenos e objetos transicionais, que se desenvolvem na área de ilusão que resulta da superposição entre o que a mãe é capaz de oferecer e o que o bebê é capaz de conceber.

É no registro do imaginário que se estabelecem a trama das identificações, bem como as fantasias da novela familiar do neurótico. Contrariamente ao imaginário do animal, construído sem brechas, o imaginário do sujeito psíquico constitui-se com uma falta real: a não-inscrição da diferença sexual, considerada como uma falha ôptica no inconsciente. Essa falta original determinaria a instauração do imaginário em torno da sexualidade. A partir da falta da inscrição da diferença sexual a criança elabora, seguindo Freud, suas teorias sexuais infantis, tentativas de entendimento dos enigmas das origens, da sexualidade dos pais e da diferença sexual. Vemos que a fórmula do fantasma expressa a relação desejante entre o sujeito e o objeto causa do desejo, originariamente faltoso e perdido para sempre. O fantasma corresponde, assim, à própria realidade psíquica do sujeito. É importante aqui diferenciarmos a realidade do real. Se o real é o que não pode ser simbolizado, o que é imutável, o fantasma é a possibilidade de inserção na realidade pela mediação do simbólico através da linguagem, amortecedor do choque com o real. A realidade é mutável, constituindo-se numa trama de imagens e palavras. Para Lacan, o fantasma funciona como uma máquina que transforma o gozo em prazer, visto que o gozo em movimento produz desprazer. A eficácia da análise é determinada pela travessia do fantasma, com um reposicionamento em relação às defesas e ao gozo.

A Capacidade Simbólica e a Aptidão Fantasmática

Freud, em *Além do Princípio do Prazer* (1920), ao observar seu neto no jogo do carretel, fornece-nos uma excelente observação do nascimento simbólico e de como a criança elabora a ausência da mãe, fazendo desaparecer e trazendo de volta o carretel, emitindo as primeiras palavras: *fort* (fora) e *da* (aqui). A perda do objeto é o fator que constitui o símbolo e a capacidade de imaginarizar a ausência, desprendendo-se da mãe real, para tê-la simbolicamente através da fala. A aquisição da palavra representa o momento de inserção do sujeito na cadeia significante, que preexiste na ordem simbólica da cultura. Uma vez incluído o sujeito no universo de significantes, o objeto real estará perdido para sempre.

Na atualidade, encontramos com frequência pacientes que não contam com recursos simbólicos, manejando-se ainda muito no registro do real, como a demandar outros modos de expressão, como atos ou condutas de ação, para confirmar sua existência. São casos de difícil acesso para o psicanalista, como nos distúrbios psicossomáticos, nos estados fronteirícios e psicóticos. Enquanto nos neuróticos lidamos com o imaginário da sexualidade movido pela libido, alimentando o circuito do desejo inconsciente, nos pacientes mais regressivos lidamos com o vazio representacional, onde o real do corpo está sempre procurando uma imagem que confirme sua forma, levado pelo ímpeto da compulsão à repetição. Nasio (1993b), baseado em Lacan, descreve três tipos de fenômenos, que chama “formações do objeto a”: a lesão de órgão (da patologia psicossomática), a alucinação e a passagem ao ato. Nesses casos, como não houve a inserção do sujeito na cadeia significante, por forclusão do Nome do Pai, não há capacidade fantasmática, há uma permanência no real do corpo e do ato ou ação.

Desse modo, Peter, um campeão de *motocross* de vinte e cinco anos, busca o tratamento por apresentar problemas no trabalho, como caixa de um banco, onde vem cometendo erros de cálculo. O curioso em seu relato é o fato de já haver sofrido trinta e dois acidentes de moto ao disputar campeonatos e exibir suas cicatrizes como troféus. Quando lhe assinalo

sua expressão de satisfação ao me fazer o relato, faz-me a seguinte revelação: “Claro, é dessa maneira que sinto ter braços e pernas. Preciso dessas fraturas para saber que estou vivo, que tenho um corpo”. Vê-se que faltou a Peter uma integração da imagem corporal no estágio do espelho, razão pela qual permanece na ameaça do corpo fragmentado, na falta de um outro que o confirmasse diante de sua imagem especular.

Assim também com Mariana a repetição na colocação de *piercings* e tatuagens preocupou sua mãe, que a trouxe para tratamento aos quinze anos. Vem apresentando distúrbio de conduta, acompanha-se de amigos que integram uma gangue, falta à escola e não obedece a limites. Recebo uma adolescente toda vestida de preto, com cabelo curto pintado de três cores e com diversos *piercings* nas orelhas, supercílios e língua. Conta que também os usa nos mamilos e no umbigo. Também tem tatuagens nos braços e tornozelos. Essa necessidade de marcas corporais iniciou com a separação dos pais, há dois anos. Relacionava-se melhor com o pai do que com a mãe e sentiu muito quando ele se mudou para outra casa. Porém, dois meses após, o encontrou à noite trocando carícias com um amigo. A indignação por descobrir a homossexualidade do pai a transtornou de tal modo que nunca mais usou roupas “normais”, está sempre de preto, e seu corpo passou a expressar as marcas, como a demandar uma inscrição simbólica de uma função paterna até então ausente, no sentido de romper a alienação imaginária.

Nas estruturas neuróticas contamos com a aptidão fantasmática resultante da presença do símbolo e da imaginarização, tornando o tratamento psicanalítico exitoso pelo entendimento e pelo atravessamento dos fantasmas, em direção à cura, enquanto que nos quadros narcísicos e patologias *borderline* nos deparamos com a dureza do real que se expressa, no concreto, em ato e no corpo, a demandar do psicanalista um longo trabalho na tentativa da aquisição simbólica.

Considerações Finais

A importância do conceito de trauma segue merecendo atenção, não só pelo seu caráter fundante, mas como fator determinante do avanço da pesquisa nos campos teórico e clínico da psicanálise, propiciando que hoje possamos atender a uma demanda de pacientes que antes estavam à margem da ajuda psicanalítica. A constituição do imaginário, por Lacan, ampliou e enriqueceu o nosso trabalho clínico, a ponto de ele declarar, já na fase final de seu ensino, em 1975: “O imaginário é o lugar onde toda a verdade se enuncia”, querendo expressar que o sujeito fala do lugar do Outro, lugar dos significantes, mas com seu Eu situado e constituído na relação imaginária com o semelhante. Não basta afirmar a primazia do simbólico, mas de como este se conjuga com o imaginário.

Resumo

Este trabalho tem por objetivo estudar a evolução do conceito de trauma em psicanálise e a sua importância para a construção do imaginário. Partimos de Freud, desde suas pesquisas iniciais, em que considerava a teoria da sedução ou a existência de um trauma real na gênese das neuroses até o momento em que, abandonando a sua “neurótica”, passa à concepção da fantasia e do mundo imaginário como verdade do sujeito psíquico. Seguimos com os aportes de Melanie Klein, abordando-se a ênfase que o conceito ganhou na escola kleiniana, e concluimos com Jacques Lacan, para quem o imaginário é conceituado no substantivo, vindo a integrar os três registros: o real, o imaginário e o simbólico, e a fantasia ganha outro lugar, passando a integrar a própria estrutura do sujeito, denominando-se fantasma.

Palavras-chave

Trauma. Imaginário. Simbólico. Fantasia. Fantasma.

Abstract

Trauma and the Construction of the Imaginary

This work seeks to study the evolution of the concept of trauma in psychoanalysis and its importance in constructing the imaginary. We start with Freud and his initial research that considered the theory of seduction or the existence

of a real trauma in the creation of neuroses up to the time when, abandoning his “neurotics”, he moves to the conception of fantasy and the imaginary world as the truth of the psychic subject. We move on to the approaches of Melanie Klein and the emphasis the concept was given in the Kleinian school, and conclude with Jacques Lacan, where the imaginary is conceptualized in the substantive, bringing together the three registers: the real, the imaginary and the symbolic, with fantasy gaining another place, becoming part of the structure of the subject itself, denominated phantasm.

Key-words

Trauma. Imaginary. Symbolic. Fantasy. Phantasm.

Resumen

Trauma y Construcción del Imaginario

Este trabajo tiene por objetivo estudiar la evolución del concepto de trauma en psicoanálisis y su importancia para la construcción del imaginario. Partimos de Freud, desde sus investigaciones iniciales en las que consideraba la teoría de la seducción o la existencia de un trauma real en la génesis de las neurosis hasta el momento en que, abandonando a su «neurótica», pasa a la concepción de la fantasía y del mundo imaginario como verdad del sujeto psíquico. Seguimos con los aportes de Melanie Klein y del énfasis que el concepto ganó en la escuela kleiniana y concluimos con Jacques Lacan, donde al imaginario se lo conceptúa en el sustantivo, integrando los tres registros: lo real, lo imaginario y lo simbólico y la fantasía gana otro lugar, pasando a integrar la propia estructura al sujeto, denominándose fantasma.

Pallabras-llave

Trauma. Imaginário. Simbólico. Fantasia. Fantasma.

Referências

- BATAILLE, L. **O Umbigo do Sonho**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
CABAS, A. **Curso e Discurso da Obra de Jacques Lacan**. São Paulo: Moraes, 1982.
CLAVREUL, J. et al. **O Desejo e a Perversão**. Campinas, SP: Papyrus, 1990.
FREUD, S. (1892). Esboços para a “Comunicação Preliminar” In: _____. **E.S.B.** Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.1.

- _____. (1896). Carta 52 a Fliess. In: _____. **E.S.B.** Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.1.
- _____. (1897). Carta 67 In: _____. **E.S.B.** Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.1.
- _____. (1897). Rascunho L. In: _____. **E.S.B.** Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.1.
- _____. (1900). A Interpretação dos Sonhos. In: _____. **E.S.B.** Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.4.
- _____. (1905). Três Ensaios sobre a Teoria da sexualidade. In: _____. **E.S.B.** Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.7.
- _____. O Homem dos Ratos. In: _____. **E.S.B.** Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.10.
- _____. Além do Princípio do Prazer. In: _____. **E.S.B.** Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.18.
- _____. **Los Orígenes del Psicoanálisis.** Madrid: Alianza Editorial, 1983.
- FREUD, S.; BREUER, J. (1893-1899). Estudos sobre a Histeria. In: _____. **E.S.B.** Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.2.
- ISAACS, S. A Natureza e a Função da Fantasia. In: RIVIERE, J. (org.). **Progressos da Psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.
- JORGE, M. A. **Sexo e Discurso em Freud e Lacan.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- JULIEN, P. **O Retorno à Freud de Jacques Lacan.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- KAUFMANN, P. **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- KLEIN, M. Nosso Mundo Adulto e suas Raízes na Infância. In: _____. **O Sentimento de Solidão.** Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- LACAN, J. **La Logica del Fantasma:** Seminário 14. Buenos Aires: Escuela Freudiana de Buenos Aires, 2002. Publicação interna.
- _____. **As Formações do Inconsciente:** Seminário 5. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____. **O Desejo e sua Interpretação:** Seminário 6. Porto Alegre: APPOA, [s.d.]. Publicação interna.
- _____. (1949). O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu. In: _____. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. **O Saber do Psicanalista:** Seminário 1971-72. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2001. Publicação interna.
- _____. **Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise:** Seminário 11. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LACAN, J.; GRANOFF, W. (1956). Fetichismo: lo simbólico, lo imaginario y lo real. **Acheronta**, n.15, jul.2002. Disponível em: <www.acheronta.org>

LAPLANCHE, J. L.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MILLER, J. A. **Percorso de Lacan: uma introdução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

NASIO, J. D. **Cinco Lições sobre a Teoria de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993a.

NASIO, J. D. **Psicossomática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993b.

RASSIAL, J. J. **O Sujeito em Estado Limite**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Artigo

Copyright © *Psicanálise* – Revista da SBPdePA

Dra. Laura Ward da Rosa

Rua Av. Plínio Brasil Milano, 143/408

90520-002 Porto Alegre – RS – Brasil

E-mail: lauraros@terra.com.br